

**UMA VOZ CONTRA A SELEÇÃO: ASPECTOS REGIONAIS DE UM CONFLITO
PELA HEGEMONIA DO FUTEBOL NACIONAL**

JHONATAN UEWERTON SOUZA *

Seleção Sportiva era o nome do artigo assinado por Luiz Guimarães e publicado em segunda página no matutino curitibano *Commercio do Paraná*, ao correr do vigésimo nono dia, do mês de outubro de 1916. Tratava-se, na verdade, de uma carta. Enviada à sede do jornal, na rua XV de novembro, sob as responsabilidades do editor da coluna *Sport*, Frederico Faria de Oliveira, que assinava, desde outubro de 1914, com o pseudônimo William Brown, na coluna diária que coordenava a quase três anos. Àquela altura, Luiz Guimarães era, além de dirigente e *goal-keeper* do América Football Club, o primeiro-secretário e porta-voz da Associação Paranaense de Sports Athleticos (A.P.S.A.). Portanto, não se tratava de qualquer carta, escolhida aleatoriamente para a publicação, dentre tantas outras que povoavam diariamente o birô do redator. Ainda mais se levarmos em conta que, o jornal *Commercio do Paraná*, assim como *A Republica* e *Diário da Tarde*, eram os órgãos oficiais da A.P.S.A. Por meio de suas páginas, as resoluções da entidade - muitas delas assinadas por seu "porta-voz autorizado" (BOURDIEU, 1996:85-96) Luiz Guimarães - tornavam-se públicas. O texto é uma enfática defesa da inserção de operários e negros nas ligas destinadas à prática do futebol - desde que respeitassem a ética amadora -, além de uma contundente crítica às redefinições da "Lei do Amadorismo", em debate na Liga Metropolitana de Sports Athleticos (L.M.S.A.) do Rio de Janeiro, determinação essa rebatizada pelo autor da missiva de "Lei da Seleção". Justifica-se Guimarães:

[...] o que procuraram os dirigentes do sport carioca foi seleccionar, mas de uma forma revoltante, odiosa até, os elementos que cultiva o football. E esta seleção absurda, chegou até a ridícula questão de cor, como se todos nós, brancos ou pretos, não tivéssemos os mesmos direitos a gozar e os mesmos deveres a cumprir, em face das soberanas lei que nos regem¹. (COMMERCIO DO PARANÁ. 29 Out 1916:2)

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Bolsista REUNI.

¹ Nas citações, optamos por manter a ortografia e a gramática originais, além dos grifos e aspas utilizados pelos autores.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

E continua: "Com a adoção de semelhante 'Lei', a Liga Metropolitana restringe o direito que nos assiste a todos, pobres e ricos, operários e industriais, de nos tornarmos fortes, de nos educarmos físicamente, de nos divertirmos." Para o secretário da APSA: "Não se devia fazer questão do *nível social* de um indivíduo qualquer, para considerá-lo amador; do que se deve fazer questão, mas questão cerrada, é do *nível moral*." E nesses termos baliza sua argumentação:

Considerar um soldado, um operário, um trabalhador honrado qualquer, profissional do sport, pelo simples fato de não ter uma posição social elevada, quer pela falta de recursos, quer por uma fatalidade qualquer a que estamos sujeitos na vida, é injustiça tão grande, que não pode passar sem o meu energico protesto. Entre os profissionais da vida e os profissionais do sport ha uma diferença muito sensível. (Idem)

Guimarães ainda critica a complacência da LMSA com os desmandos e insubordinações dos "moços distintos de *nível social* elevado", expressos na figura do homem, doutor, "de posição social elevada, branco e venal". Aproveitando para denunciar a existência de profissionalismo no interior das elites, os assim chamados "profissionais de gravata". Os quais manteriam seu luxo às custas das contribuições do operariado.

Ha por esse mundo de Christo afóra, tanto mocinho elegante, com um perpetuo friso nas calças, trajado no rigor da moda, de collarinho engommado e gravata de seda, frequentadores assíduos das casas de tavolagem, que são declaradamente profissionais do sport que praticam, e, que como tais não são classificados, porque são estudantes de direito, de medicina, etc... e porque a Liga Metropolitana deseja proteger a classe dos doutores em detrimento da classe dos operarios. E quantos operarios existem, meros amadores do sport que praticam, que ainda contribuem do pouco salario ganho á custa de enormes sacrificios, num labutar insano, á beira de uma forja, ou no alto de um andaime, quantos praças de pret, heroicos defensores desta grande Pátria existem, senhores metropolitanos, que apesar de mal ganharem para o pão dos filhos, ainda tiram de seus minguados bolsos algum dinheiro para pagar o luxo e sustentar a malandragem de muitos profissionais de gravata! (Idem)

E termina: "a unica selecção admissivel no sport é a da classe dos amadores e dos profissionais", pois, "ha muito operario preto e honrado e muito homem de posição social elevada, branco e venal." (Idem)

A inserção de negros e brancos pobres no interior das ligas que controlavam a prática do futebol normatizado nas décadas iniciais do século XX - além de outros temas relacionados, como a prática de remunerações, a formação de clubes e ligas representativas desses segmentos, as estratégias desses grupos em face às limitações impostas às suas

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

apropriações do futebol, etc. - não é um tema novo na agenda dos historiadores do esporte no Brasil. As primeiras investigações nesse sentido, remontam ainda a autores clássicos como Mario Filho e Thomaz Mazzoni, e se multiplicaram e pluralizaram nas abordagens de diversos historiadores contemporâneos.

No caso do Paraná, historiadores como Celso Moletta Júnior (2009), André M. Capraro (2002), Miguel Freitas Júnior (2012) e Natasha Santos (2012) se debruçaram sobre o tema. Analisando fontes imagéticas, periódicos e registros internos de clubes, esses pesquisadores tem indicado um ambiente complexo, que foge às cronologias fixas, amparadas em análises tradicionais. Embora estejam preocupados com a identificação de possíveis casos de semiprofissionalismo, esses estudos terminam por tocar, pela própria natureza do tema, em questões relativas à inserção de negros e brancos pobres nas ligas paranaenses. As análises de casos específicos, como as trajetórias dos atletas José Bermudes, Ricardo Thieli e Natálio Santos, todos do Coritiba F. C. (MOLETTA JR, 2009:100-118), além de fotografias da equipe do América em 1917 (CAPRARO, 2002:89), indicam a presença de negros e mestiços nesses clubes fundados pelas elites curitibanas, além de práticas remuneratórias, auxiliando na redefinição dos parâmetros de semiprofissionalismo nos termos de "um fenômeno sistêmico e não bem localizado geograficamente" (CAPRARO; MOLETTA JR; FREITAS JR; SANTOS, 2012: 553).

Contudo, ao indicarem a presença de uma prática até então negligenciada, esses estudos terminam por apontar novos horizontes de pesquisa. Faz-se necessário ensaiar explicações, buscar hipóteses, aprofundar possibilidades acerca da emergência desses fenômenos no futebol paranaense. É essa tarefa que assumiremos nesse artigo. De maneira geral, tomando por base os estudos supracitados, os vestígios atinentes à prática de remunerações de jogadores e à presença de negros e mestiços nas ligas, surgem com maior intensidade na documentação, a partir do ano de 1916. Haveria alguma conexão entre os argumentos sustentados por Luiz Guimarães e a emergência dos fenômenos indicados por esses pesquisadores? Seria possível vislumbrar outros caminhos analíticos para pensar a inserção de negros e brancos pobres nas ligas de futebol, que não sejam os respectivos à intensificação da competitividade entre as equipes? Quais os motivos que levam Luiz

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

Guimarães, *sportmen* paranaense, a se incomodar com deliberações relativas à organização do futebol no Rio de Janeiro? No presente artigo, seguiremos a trajetória do autor de *Seleção Sportiva*, no intuito de encontrarmos pistas ou caminhos que indiquem possíveis respostas a essas questões.

Luiz Guimarães: um carioca nos gramados paranaenses

Perseguir a trajetória de um indivíduo é sempre, em alguma medida, flertar com os riscos de entregar-se ao que Pierre Bourdieu chamou de "ilusão biográfica", ou seja, a inclinação própria do senso comum de considerar que "a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma 'intenção' subjetiva e objetiva" (BOURDIEU, 1998:184). Há uma sedução constante de construir trajetórias lineares e coesas, previsíveis "desde o início", limitando ao historiador o papel de decretar um "sentido da vida" para o investigado, estabelecendo os eventos exemplares que expressariam esse "modo de ser". Como alerta Benito Schmidt, o caminho do historiador deve ser o oposto, assim: "biografar é evidenciar o 'fazer-se' do personagem focado ao longo do tempo" demonstrando que "tal movimento não é linear e unidirecional, mas contextualmente delineado, sujeito, pois, a diferentes injunções e ritmos, bem como a incerteza, descontinuidade, oscilações e incoerências" (SCHMIDT, 2012:199). Nessa perspectiva, são caros os conceitos de "projeto" e "campo de possibilidades" esposados por Gilberto Velho:

Os 'projetos' individuais sempre interagem com outros dentro de um 'campo de possibilidades'. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos, em princípios, podem ser portadores de 'projetos' diferentes, até contraditórios. Suas pertinência e relevância serão definidas contextualmente. (VELHO, 1994:46)

De fato, descontinuidades, oscilações e contradições, não faltam na trajetória de Luiz Guimarães. Em 05 de fevereiro de 1915, as páginas do *Commercio do Paraná* noticiavam a aquisição do novo goal-keeper carioca do América. O atleta, já experiente, era assim apresentado: "Luiz Guimarães, distinto *sportmen* que no Rio de Janeiro disputou diversos campeonatos pelo Cattete Foot Ball Club, Rio F. B. Club, Botafogo, Fluminense,

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

Mangueira e Sport Club Americano, sendo campeão em 1910 do team extra do Botafogo F. B. Club" (COMMERCIO DO PARANÁ, 05 fev 1915:2).

Guimarães chegava a Curitiba em um momento conturbado no cenário futebolístico. As diversas tentativas de instituir uma liga que gestasse o futebol local esbarravam, desde fins de 1913, nas disputas de poder entre os três principais clubes da cidade: Internacional, Coritiba e Paraná. O clima de tensão estabelecido entre essas equipes levará o Coritiba a romper relações com o Internacional em novembro de 1913 (CAPRARO, 2002:119). Ato que seria imitado pelo Paraná em quatro de novembro do ano seguinte, quando pública um ofício no *Commercio do Paraná* expondo os motivos do rompimento das relações amigáveis com os internacionalistas. Em paralelo à crise estabelecida entre os três clubes tradicionais, o América era refundado em 1914 (CAPRARO, 2002:94). Aproveitando-se do espaço político que se abria com o dissenso no interior das elites tradicionais e assumindo para si o arbitramento da questão, os dirigentes do América convocaram uma reunião para o dia 12 de fevereiro de 1915, na sede social do Jockey Club, afim de tratar dos tramites para a fundação de uma liga na cidade, era assim fundada a Liga Sportiva Paranaense (L.S.P.) (COMMERCIO DO PARANÁ, 11 fev 1915:2). Na edição do dia 14 de fevereiro de 1915, o *Commercio do Paraná* publicava a composição da diretoria da liga. A presidência da L.S.P. coube a Paulo Assumpção, tendo como seu vice Ernesto Dobler e na condição de secretário Edgard Torres. Além da diretoria foi constituída uma comissão para a confecção do estatuto da entidade, composta por Ildefonso Rocha, Edgar Torres, J. Noijacks e, ocupando a função de relator, Luiz Guimarães. Assim, com poucos dias residindo em Curitiba, Guimarães já acumulava as funções de relator da comissão e representante do América junto à L.S.P. (COMMÉRCIO DO PARANÁ, 17 mar 1915:3).

Ao que tudo indica, na prática, Luiz Guimarães foi o grande idealizador do estatuto da L.S.P.. Esse protagonismo pode ser verificado se atentarmos às discussões que ocorreram na liga durante o ano de 1915. Em casos de dubiedade ou incompreensão do texto do estatuto, era a ele que recorriam para obter os esclarecimentos necessários. Do mesmo modo, quando iniciou-se a reforma estatutária, em fins de 1915, coube ao capitão do América a liderança dos trabalhos (COMMERCIO DO PARANÁ, 30 dez 1915:2-3).

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

Essa peculiar condição de jurista informal continuaria em 1916, quando, já na APSA, redigiria um Código Penal do Foot Ball por encomenda da nova liga. (COMMERCIO DO PARANÁ, 20 out 1916:5). Desse modo, uma análise do estatuto da L.S.P. poderia nos indicar alguns posicionamentos de Guimarães, um ano e oito meses antes de escrever *Seleção Sportiva*.

Como observa André Mendes Capraro, a fundação da liga paranaense respeitou uma dupla função: padronizar a prática do futebol e segregar de seus quadros os elementos indesejados (Op. cit.:112-126). De fato, além do pagamento da joia, como observado pelo autor, diversos outros mecanismos estatutários dificultavam a inserção de clubes e atletas pobres na L.S.P. Conforme o estabelecido em seu artigo 38, a taxa de filiação para novos clubes era de 50\$000, exceção feita aos clubes fundadores que compunham a segunda divisão da entidade, os quais pagariam a metade desse valor. Caso o número de inscritos ultrapassasse a casa dos vinte clubes, esse valor seria multiplicado por dez, passando a 500\$000. Além da taxa de inscrição, seriam cobradas mensalidades de 20\$000 por clube filiado e, no ato da inscrição das equipes, pagava-se 1\$000 por jogador inscrito, como pregava o artigo 31. Segundo o artigo 36, o atraso na mensalidade acarretaria a perda do direito de voto nas assembleias e, se o atraso se repetisse pelo segundo mês consecutivo, o clube seria desligado da instituição, ficando sua readmissão submetida ao pagamento da dívida e a uma nova reinscrição, onde todas as taxas deveriam ser quitadas novamente. O clube ainda deveria ter um estatuto em conformidade com o da L.S.P, uma sede social e um *ground* em condições de uso, sendo que o artigo 42 deixava em aberto a possibilidade deste ser arrendado. Nos dias de jogos, caso cobrasse a entrada, o clube teria de redirecionar 10% das arrecadações da bilheteria à liga. Quitadas todas essas taxas, o clube teria acesso à liga e direito a indicar um representante que comporia o conselho superior da entidade, com direito a voz e voto em suas seções. Entretanto, se fosse de seu interesse entrar com pedidos de revisão de jogos, ou reclamações de qualquer natureza sobre as partidas, teria de endereçar, junto ao requerimento, um valor igual a 30\$000. Por último, o profissionalismo era terminantemente proibido segundo o artigo 53.

Cumpridos os requisitos objetivos para a inserção na liga, os clubes, sócios e jogadores teriam ainda de passar por um crivo subjetivo, a aprovação da matrícula pela Comissão de Sindicância. Formada por três membros, eleitos pela diretoria da L.S.P., a Comissão de Sindicância avaliaria o estatuto da agremiação, as condições de seu campo, sua relação de sócio, jogadores e, o mais importante, o corpo de diretores da entidade. No ato da inscrição, os clubes deveriam enviar um verdadeiro relatório sobre seus diretores, expondo a localização de suas residências, sua profissão e o local onde a exercem. Como firmado no artigo 40 do estatuto, a Comissão de Sindicância deveria observar ainda a "idoneidade dos directores".² Os dispositivos estatutários referentes às diretorias dos clubes, anunciavam um cenário paradoxal, onde, mesmo as agremiações mais modestas, buscavam em seus mais elitizados quadros o amparo necessário para a aprovação de sua matrícula, indicando-os estrategicamente para preencher as vagas em suas diretorias. Certamente, a correlação de forças no interior das comissões - sobretudo na Comissão de Sindicância, que decidia em primeira instância, sem a necessidade de obter a aprovação de seus atos pelo conselho superior da liga - era que, em última instância, determinava a aprovação ou não da inscrição de uma agremiação. Como observa Leonardo A. Pereira, um peso maior dos clubes populares nessas comissões, poderia acarretar "maior flexibilidade na interpretação dessas regras" (PERREIRA, 2000:120), sendo o oposto também verdadeiro. No caso da L.S.P., se observarmos a composição das comissões, verificaremos que o América tinha grande peso nessas instâncias. A Comissão de Sports era formada por Arthur Pina, representando o Operário Foot Ball Club, Hugo Franco, representando o Rio Branco de Paranaguá e Luiz Guimarães, representante do América. A Comissão de Sindicância, por sua vez, era integrada por Raul Lara, do Reco Reco Independente, Hugo Mader, representando o Paranaguá e Hugo Franco, dessa vez representando o Operário Foot Ball Club de Ponta Grossa. (COMMERCIO DO PARANÁ, 10 abr 1915: 2). Apesar de formalmente ocupar apenas uma vaga em ambas as Comissões, na prática, o América controlava a metade dessas vagas. Haja vista que, Hugo Franco era um dos principais

² O estatuto da Liga Sportiva Paranaens foi publicado pelo Commercio do Paraná, dividido em quatro partes, nas edições de 21/03/1915:2, 23/03/1915:2, 31/03/1915:3 e 10/04/1915:2. As disposições analisadas até aqui, estão espalhadas por essas edições, daí a opção por não citá-las no corpo do texto, pois inviabilizaria a leitura do parágrafo.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

dirigentes do América em 1915, sendo, ao lado de Luiz Guimarães, o principal defensor dos interesses desse clube nas seções da L.S.P.. Essa realidade só seria alterada em novembro de 1915, quando Franco e outros quatro dirigentes rompem publicamente com o alvi-rubro (COMMERCIO DO PARANÁ, 30 nov 1915:2). A estratégia não era nova, como observa Capraro, desde as primeiras reuniões que antecederam a fundação da L.S.P., alguns dos principais dirigentes do Internacional apareciam como representantes de outros clubes, como no caso do Paranaguá, considerado "clube gêmeo" do Internacional, representado por Joaquim Américo Guimarães na reunião de 22 de novembro de 1913 (CAPRARO, 2002:118). De fato, essas negociações, trocas de clubes e apadrinhamentos, compunham a teia fundamental dos jogos de poder no interior da liga. Situações, em grande medida, fomentadas por um estatuto restritivo e seletivo, assinado, entre outros, pelo autor de *Seleção Sportiva*. Nessa conjuntura, a defesa contundente da inserção de negros e das classes laboriosas nas ligas esportivas não constava no cardápio de seu campo de possibilidades. Em sua condição de *sportmen* ainda em busca de legitimação em um novo meio social, não parecia prudente ousar subverter um dos principais fins da instituição recém criada, a saber, a seleção de clubes e atletas indesejados. Ademais, até meados de 1916, nenhum dos diversos textos publicados por Luiz Guimarães na imprensa paranaense, insinuavam alguma preocupação de seu autor com as camadas sociais despossuídas, grupo ao qual, certamente não pertencia.

Ao passo que o América crescia em importância no interior do jogo político da L.S.P., nos gramados, a equipe legitimava suas pretensões de figurar entre os principais clubes da cidade, obtendo vitórias importantes, como o 2 a 0 contra o Internacional em 14 de Março de 1915. O jogo foi saudado pelo cronista Francisco Faria de Oliveira (William Brown) - que posteriormente seria dirigente do América - como o "mais sensacional, mais concorrida e animado de todos", superando mesmo a partida entre Internacional e Flamengo realizada no ano anterior. No jogo, o capitão da equipe era Luiz Guimarães, o Lulú, "incontestavelmente o heroe do sensacional match" que, ao findar da partida fora "carregado em triumpho, sendo muito victoriado" (COMMÉRCIO DO PARANÁ, 16 mar 1915:2). A atuação do goal-keeper americano rendeu-lhe uma vaga na coluna *Perfís*

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

Sportivos do mesmo jornal. Nela, Francisco Faria de Oliveira descrevia o *sportmen* chamando a atenção para a rápida ascensão de Guimarães no futebol curitibano.

Muito bem disse um sportman profundo conhecedor do football, uzando destas expressões, quando, em uma roda de amigos, referia-se a esse footballer esplendido: ' Realmente, aquele mocinho, com um corpo tão delicado, é um player de *mão cheia*. Imagine você, ó fullano, que elle, apesar daquelle seu todo gentil (!) não deixou que, uma vez ao menos, lhe *passassem a perna*'

Eis ahi o que a poucos dias ouvimos da boca de pessoas que, até então, como nós, não tinha muita fé no sportman que, de uma hora para a outra, popularizou-se em nossas rodas sportiva e... chics, que nunca perde vasa para destruir a adjetivação barata, como aquella do... espora, com que, ás vezes, se pretende mimosiar o footballers habeis e de facto magnificos. (COMMERCIO DO PARANÁ: 19 MAR 1915).

Desde sua chegada a Curitiba, Luiz Guimarães estabeleceu grande proximidade com Francisco Faria de Oliveira (William Brown), principal redator esportivo da cidade, que publicava desde 1913, quase que diariamente, a coluna *Sport* no *Commercio do Paraná*. Sem dúvidas, a mais constante, influente e estruturada coluna esportiva da cidade. Sua primeira intervenção publicada nas páginas do periódico matutino, data ainda de 20 de fevereiro de 1915, ou seja, apenas dezesseis dias após sua chegada à capital paranaense. O texto era uma resposta a outro artigo, escrito por Jordão Pereira no jornal A Tribuna. Sob este pretexto, L. Guimarães empreendia árdua defesa do presidente do Paraná, Ildefonso Rocha, e do presidente da L.S.P., Paulo Assumpção. Quatro dias depois, um novo artigo, dessa vez em defesa do América S. C., contestando as insinuações de John Off Side, em sua coluna *Secção Sportiva* no Diário da Tarde, onde o autor reprovava o fato do América não ter enviado convites ao Imprensa S. C., Reco Reco Independente e Operário Foot Ball Club, por ocasião da reunião que fundou a liga. (COMMERCIO DO PARANÁ, 24 fev 1915: 2). Dai em diante, as intervenções de Luiz Guimarães tornaram-se tão constantes que W. Brown teve que intervir, "attendendo a pedidos que nos são feitos quasi diariamente", para que Luiz Guimarães "dê por finda a série de artigos que a dias encetou nessa secção" (COMMERCIO DO PARANÁ, 18 mar 1916:3). A proximidade com Francisco Faria de Oliveira extrapolava as páginas do Commercio do Paraná e as reuniões da diretoria do América. Ambos fundaram, junto com Rubens Assumpção, a primeira revista esportiva de Curitiba, o periódico ilustrado *O Shoot*, que circulou pela primeira vez em 08 de maio de 1915. Dessa maneira, Luiz Guimarães ocupava mais um espaço de poder fundamental, a

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

imprensa. Pelas tribunas da imprensa protagonizaria diversas polêmicas, como as denúncias contra o jogador Dominguito do Internacional, que o levariam a contestar o campeonato de 1915, gerando uma crise - em certa medida canalizadora de diversos rancores entre os clubes da elite curitibana que remontavam ainda a 1913 - que culminaria com a cisão no interior da L.S.P. e a criação de uma nova liga, a Associação Paranaense de Sports Athleticos (A.P.S.A.).

Sobre cisões e reconhecimentos: um momento profícuo para a inserção de novos atores políticos

Como observa André Capraro:

O campeonato de 1915, depois de muitas confusões, fora vencido pelo Internacional F. C., mas contestado pelo dirigente do América F. C. sr Luiz Guimarães. Era alegado que o Internacional havia utilizado um jogador que não residia na cidade, Dominguito que, apesar de ser natural de Curitiba, mantinha residência em outra cidade (Op. cit, 2002:129)

De fato, como observa Capraro, o campeonato de 1915 foi bastante tumultuado. A própria L.S.P. já nascerá sobre o signo dos embates entre, por um lado, Paraná, Curitiba e América e, por outro, o Internacional. No decorrer do campeonato, uma série de denúncias envolvendo atletas irregulares (COMMERCIO DO PARANÁ, 08 ago 1915:2), venda de jogos (DIÁRIO DO COMMERCIO, 19 out 1915:2)³ e falta de comprometimento dos dirigentes nas seções da liga (COMMERCIO DO PARANÁ, 10 AGO 1915:2), indicavam um ambiente hostil no interior da entidade. A situação seria agravada por conta dos debates atinentes à reforma dos estatutos da entidade. Frente à letargia e inoperância da comissão destacada para elaborar a reforma estatutária, desde outubro de 1915, João Seiler, àquela altura presidente da L.S.P - substituindo Paulo Assumpção, que já havia renunciado ao cargo por conta de disputas políticas internas -, convidou Luiz Guimarães para que este, ao seu lado, elaborasse uma nova proposta de estatuto para a liga. Na data da reunião marcada

³ O Diário do Comercio era um jornal que circulava em Paranaguá e cobria os eventos organizados pela L.S.P. dando maior ênfase aos jogos do Rio Branco e do Paranaguá, ambos filiados à L.S.P. e à Liga Paranaense de Foot Ball, primeira entidade dessa natureza no Paraná, fundada em 01 de agosto de 1914, portanto, anterior à L.S.P.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

para a apreciação e discussão das novas normas, o Britania, clube que compunham a comissão de reformulação dos estatutos original, protestou contra a ação arbitrária de Seiler, que havia dissolvido a comissão sem consultar o Conselho Superior da L.S.P. O debate ganhou a noite e findou com o pedido de demissão de João Seiler. (COMMERCIO DO PARANÁ: 30 dez 1914:2). Como observava William Brown, com certa dose de ironia: "a Liga esta se desligando" (COMMERCIO DO PARANÁ, 29 DEZ 1915:2).

A primeira denuncia do caso Dominguito, publicada no Commercio do Paraná - uma carta extensa de Luiz Guimarães, acompanhada de um parecer de Marco Pollo, secretário da L.M.S.A. do Rio de Janeiro, em seu favor - data de 20 janeiro de 1916. A carta era publicada em um momento delicado para a liga, em meio às discussões sobre a eleição da nova diretoria. Alguns, defendiam que os cargos diretivos deveriam ser distribuídos de forma equitativa entre os representantes dos clubes filiados à entidade, outros, especialmente o Internacional, defendiam a tese de que a diretoria deveria ser eleita pelo voto direto, o que provavelmente beneficiaria os clubes tradicionais com maior base de apoio. (Id, 26 jan 1916:2). Enquanto isso, entre fins de janeiro e início fevereiro de 1916, as seções esportivas de jornais como Commercio do Paraná, Diário da Tarde, A República, A Tribuna e Diário do Commercio, dedicavam colunas inteiras à discussão do "caso Dominguito". Em muitas ocasiões, o debate adentrava à esfera dos insultos e acusações. Foi esse o proceder de Lahorgue Sobrinho, dirigente do Internacional, que, pelas páginas da imprensa, acusava Luiz Guimarães de desvio de dinheiro da L.S.P. para custar as publicações de O Shoot. Em resposta, o acusado moveria um processo contra Sobrinho, por calúnia. (A REPUBLICA, 09 fev 1916:2) Desse modo, as crises em torno da liga extrapolavam o campo esportivo, invadindo as instâncias dos tribunais curitibanos.

À luz do exposto acima, não nos parece que o "caso Dominguito" tenha sido, por si só, o motor da cisão na L.S.P.. Antes, as denuncias contra as irregularidades do *player* internacionalista, canalizavam tensões pré-existentes, servindo como detonadora de uma série de crises que permeavam a instituição desde seu nascedouro. Contudo, se a crise em si não era particular, eram particulares os métodos de contestação. No "caso Dominguito" pela primeira vez, assistimos à intervenção mais sistemática de entidades de outros estados

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

- notadamente o Rio de Janeiro - em assuntos respectivos ao circuito futebolístico paranaense. Novos atores políticos entravam em cena, estreando uma fórmula que seria reabilitada por diversas outras vezes.

Na verdade, desde o ano anterior a L.S.P. estava entre as entidades filiadas à Federação Brasileira de Sports (F.B.S.) - fundada por iniciativa da L.M.S.A. do Rio -, entretanto, os dirigentes paranaenses, até 1916, tinham um desconhecimento quase que completo do que significava essa instituição. Como observado por Carlos Eduardo Sarmento, nos primeiros momentos de formação da F.B.S., quem fazia a ponte entre essa entidade e as ligas estaduais eram os deputados e senadores que, por residirem na capital, cumpriam o papel de representantes dos *sportmen* de seu estado perante a federação (SARMENTO, 2006: 4). O autismo dos dirigentes paranaenses já provocará uma situação cômica em 1915, quando, por ocasião da fundação da Federação Brasileira de Football (F.B.F.) - entidade idealizada pela Liga Paulista de Football (L.P.F.), que disputava com a F.B.S. o controle da prática futebolística em nível nacional - os dirigentes da L.P.S. receberam um convite para compor o quadro associativo dessa entidade, convite aceito às pressas pelo então presidente Paulo Assumpção, associando a L.S.P., ao mesmo tempo, na F.B.S. e na F.B.F., duas entidades em litígio. Esse fato acarretaria uma série de constrangimentos para a entidade paranaense. Ainda em 1916, o desconhecimento dos *sportmen* paranaenses sobre o que ocorria no âmbito esportivo em nível nacional, era alvo de piada do jornal A Tribuna do Rio. Assim infirmava o seu correspondente em Curitiba: "o conselho da Liga, aqui, não tem uma ideia precisa, nitida, do que seja a Federação Brasileira". Nas reuniões do conselho da L.S.P. "nem o nome dessa mesma Federação foi comunicado", afirmava, aludindo ao fato de os dirigentes paranaenses desconhecerem a própria denominação da F.B.S. (COMMERCIO DO PARANÁ, 28 jan 1916:2). O desinteresse pelo movimento esportivo nacional chegaria ao fim a partir de 30 de janeiro de 1916, quando Luiz Guimarães, aproveitando dos contatos que mantinha no Rio de Janeiro, envia um ofício à F.B.S., esclarecendo a essa entidade o "caso Dominguito" e solicitando que anulasse o campeonato de 1915 da liga paranaense. Desse momento em diante, a F.B.S.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

surge como um ator fundamental no jogo político do futebol paranaense, e continuaria assim durante todo o ano de 1916.

Os desdobramentos do "caso Dominguito" levaram à cisão no interior da L.S.P. e à fundação, por parte do Curitiba, Paraná e América, de nova entidade, a Associação Paranaense de Sports Athleticos (A.P.S.A.). Além de ser um dos líderes da cisão, Luiz Guimarães se tornaria o primeiro secretário da nova entidade, seu porta voz na imprensa e principal articulador, no Rio de Janeiro, para que a A.P.S.A. obtivesse o reconhecimento da F.B.S. em detrimento da L.P.S. A essa altura, nosso personagem central, ao que parece, já estava plenamente estabelecido em Curitiba. Além dos cargos em entidades esportivas, Luiz Guimarães era ainda presidente da Liga da Mocidade Catholica e seria um dos oradores na solenidade de fundação do Centro Acadêmico Paranaense, o que indicava sua boa inserção no interior da elite local (A REPUBLICA, 25 ago 1916:1).

A disputa pela hegemonia do futebol paranaense entre a A.P.S.A. e a L.S.P. se passava em dois níveis. Em primeiro lugar, ambas as entidades deveriam atrair o maior número de clubes possíveis, ampliando assim sua representatividade. Nessa conjuntura, sob a prerrogativa de construir uma base de apoio ampla, os limites impostos para a inserção de clubes populares e atletas oriundos do proletariado foi visivelmente flexibilizado. Desse modo, a A.P.S.A. anunciava em 22 janeiro de 1916, que os clubes que fizessem sua inscrição até o último dia daquele mês, seriam isentos do pagamento da taxa de inscrição. A medida gerou uma evasão em massa da L.S.P, clubes até então de menor expressão, como o Reco-Reco Independente, o Humaytá, o Puritano, o Savóia e outros, declaradamente associados às classes laboriosas, como o Operário de Ponta Grossa, o Operário de Curitiba e o Torino, migraram para a nova instituição, passando a exercer cargos diretivos no interior da nova liga. Para os clubes de Paranaguá, a A.P.S.A. anunciava um novo atrativo, ao contrario do que ocorrerá no ano anterior, no retorno do campeonato, os jogos que envolvessem clubes dessa localidade seriam realizados na cidade litorânea. A medida surtiu efeito e a A.P.S.A. contava agora com um novo filiado, o Rio Branco (COMMERCIO DO PARANÁ, 22 fev 1916:2). As táticas elaboradas pela A.P.S.A, pressionaram a L.S.P. a também flexibilizar seus estatutos, desse modo, uma série de clubes que, até então, quando

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

muito, frequentavam suas divisões inferiores, passaram a jogar na primeira divisão, é o caso do Britania, que se sagraria campeão da L.S.P. naquele ano. (COMMERCIO DO PARANÁ, 12 dez 1916:2). Na prática, o futebol curitibano permanecia sob o controle das quatro equipes tradicionais da capital, todavia, com a cisão no interior das elites, os clubes de menor expressão, não raro formados pelas classes subalternizadas, além dos clubes do interior e do litoral, ganhavam uma enorme importância política e um poder fundamental de negociação. De fato, a existência e representatividade dos clubes populares não poderia mais ser negligenciada pelas elites, mesmo que isso custasse renegociar seu imaginário em torno da prática do futebol.

Além do nível interno, a disputa entre a A.P.S.A. e a L.P.S. se dava também em nível nacional. Em outras palavras, buscava-se no plano nacional - entre as Federações - o reconhecimento da hegemonia local. Num primeiro momento, ambas as entidades disputaram o reconhecimento da F.B.S., deslocando ao Rio de Janeiro, alguns dos seus melhores quadros. A L.S.P. enviaria Agostinho Leão Júnior, empresário do mate e membro de uma das famílias mais influentes de Curitiba, por outro lado, a A.P.S.A. destacava como seu representante no Rio, João Stole Gonçalves e, o irmão de Luiz Guimarães, Joaquim Guimarães, que à época era dirigente do Flamengo (COMMERCIO DO PARANÁ, 23MAR 1916:2). O quadro se tornava ainda mais complexo, pois, no mesmo período, São Paulo e Rio de Janeiro - por meio, respectivamente, da F.B.S. e da F.B.F. - competiam pela hegemonia do futebol nacional. A disputa se dava basicamente nos mesmos termos que no Paraná, por um lado, ambas as entidades buscavam o reconhecimento do maior número possível de ligas estaduais, por outro, buscavam junto à FIFA e às federações da Argentina e do Uruguai, o reconhecimento em nível internacional (SARMENTO, 2006: 1-21). Assim como acontecia, no caso paranaense, só que em nível nacional, novos atores políticos surgiam, para além de Rio e São Paulo. Nesse sentido, os anseios das ligas de outros estados ganhavam alguma importância, mesmo que periférica, aos olhos das duas principais cidades brasileiras e suas respectivas ligas. O caso do Paraná é sintomático nesse sentido, imitando a postura da FIFA e das associações de futebol argentina e uruguaia quanto à disputa entre a F.B.S e a F.B.F. (SARMENTO, op. cit), em um primeiro momento, a

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

F.B.S., não tomou parte por nenhuma das entidades, enviando ofícios a ambas, recomendando a fusão e garantindo que seus interesses seriam levados em consideração. Ainda no sentido de fomentar a reunificação no Paraná, a F.B.S. enviaria para Curitiba Alberto Silves, presidente do Villa Izabel (COMMERCIO DO PARANÁ, 08 abr 1916:2), e Belfort Duarte (DIÁRIO DA TARDE, 18 abr 1916:3), ambos com o intuito de negociar os termos para a reunificação da A.P.S.A e da L.S.P. Diante do fracasso das tentativas de fusão e depois de um longo debate travado por meio da imprensa paranaense, a F.B.S. terminaria por reconhecer sua associada mais antiga, a L.P.S., como sua representante no Paraná, empurrando a A.P.S.A aos braços da F.B.F., à qual se filiaria em 08 de setembro de 1916 (COMMERCIO DO PARANÁ:2). É em meio a essa complexa disputa por poder, em nível local e nacional, que chegaria a Curitiba as primeiras notícias sobre um debate travado no interior da L.M.S.A. e que pretendia redefinir o conceito de amadorismo, limitando a inserção de trabalhadores braçais e negros na prática do futebol institucionalizado.

Conclusão: a história de uma carta

Segundo Leonardo Pereira, os debates a cerca da nova "lei do amadorismo" na L.M.S.A., iniciaram ainda em agosto de 1915 e se intensificaram no ano seguinte, causando uma repercussão que extrapolava o Rio de Janeiro (PEREIRA, 2000:114-120). Em Curitiba, as primeiras notícias sobre o assunto chegaram em 3 de Maio de 1916, quando o Diário da Tarde publicou, na íntegra, o que seria a nova lei "aprovada em 26 do mez passado" na liga carioca (DIÁRIO DA TARDE:2). Nesse momento, apesar de ainda esboçar alguma esperança no reconhecimento da A.P.S.A. pela F.B.S., Luiz Guimarães estava ciente que suas relações no Rio de Janeiro não seriam suficientes para sobrepujar o peso político da L.P.S. As pretensões de anular o campeonato de 1915 tinham sido fracassadas e a F.B.S. dava claros indícios de que, caso não houvesse fusão, optaria pela liga mais antiga. Ainda em abril, o capitão do América publicaria seu primeiro texto com críticas à L.M.S.A. (COMMERCIO DO PARANÁ; 21 ABR 1916:2) e no dia 07 de maio,

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

apenas quatro dias após a publicação da "lei do amadorismo" no Diário da Tarde, Lulú escreveria o primeiro texto em ataque à resolução. Classificando-a como "um dos maiores, se não o maior, absurdo sportivo do século XX":

Pela nova Lei um caixeiro honrado não pode praticar o sport, entretanto poderá fazê-lo muito traficante engravatado.

Uniformizados, no meio do campo, não se distingue o operário do cientista, o pobre do rico, o trabalhador do capitalista; ha uma lei no sport e perante ella devem todos ser iguaes. (COMMERCIO DO PARANÁ, 07 mai 1916:2)

Nesse primeiro momento o autor restringia sua defesa à inserção de trabalhadores braçais, a questão dos negros ainda não era contemplada, ao menos de forma específica, em sua argumentação. Contudo, dias depois, a A.P.S.A. organizaria um jogo em homenagem à Lei Áurea, marcado para o 13 de Maio. O evento, que contou com a presença do governador do estado (COMMERCIO DO PARANÁ, 14 mai 1916:2) era algo um tanto excepcional, visto que a data - ao menos no Paraná, onde as elites estavam empenhadas em apagar a existência da população negra, negando, sempre que possível, seu passado escravista (LIMA, 2007: 97-98) - era comumente comemorada apenas no interior de algumas associações operárias, agremiações de militares de baixa patente e nos próprios clubes 13 de Maio. Com o jogo, as condições gerais para a escrita de *Seleção Sportiva* estavam dadas. A filiação da A.P.S.A à F.B.F e a consequente necessidade de deslegitimar os dirigentes cariocas, ampliavam o campo de possibilidades, sendo estímulos imediatos para que Luiz Guimarães defendesse, em *Seleção Sportiva*, posicionamentos tão distintos daqueles expostos no estatuto da L.S.P. em 1915. Paradoxalmente, as crises políticas no interior das elites, seja a nacional, seja a local, abriam brechas valiosas para a inserção legitimada de novos sujeitos no interior das ligas e federações, um passo fundamental era dado e esse passo tinha uma dimensão política. A carta, por si só, não teve impacto algum de imediato, sequer gerou reações na imprensa. *Seleção Sportiva* não era um manifesto, tampouco inaugurava uma prática, era antes um sinal, quase imperceptível, de que as coisas estavam mudando no cenário sportivo paranaense. Um novo leque se abria ampliando o "campo de possibilidades" aos "projetos" desses novos sujeitos (VELHO, op. cit.).

BIBLIOGRAFIA:

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Linguísticas*. São Paulo: Edusp, 1996.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica IN: FERREIRA, M; AMADO, J. (Org). *Usos & Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

CAPRARO, André M. *Football, uma prática elitista e civilizadora*. Dissertação em História – UFPR, 2002

CAPRARO, A; MOLETTA JR, C; FREITAS JR, M; SANTOS, N. O semiprofissionalismo no futebol brasileiro: representação episódica, fenômeno sistêmico. IN: *Revista de História Regional*, 17(2), Ponta Grossa, 2012.

MOLETTA JUNIOR, Celso L. *Futebol e formação do espaço público no contexto da fundação do Curitiba Football Club (Curitiba, 1900- 1915)*. Dissertação em História – UFPR, 2009

PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SARMENTO, Carlos E. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

SCHIMDT, Benito. IN: CARDOSO, C.; VAINFAS, R. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.

FONTES:

Commercio do Paraná - 1914-1916

Diário da Tarde - 1916

A Republica - 1915-1916

Diário do Commercio - 1915